

SINGULARIDADES DO CAFEICULTOR PAULISTA COOPERADO¹

Celso Luis Rodrigues Vegro²

Vera L. F. dos S. Francisco³

José Alberto Angelo⁴

Carlos Nabil Ghobril⁵

1 - INTRODUÇÃO

Estudo anterior confirmou hipótese, já percebida pelos técnicos que se dedicam a analisar o dinamismo da cafeicultura paulista, de que essa lavoura passa por momento de contração da área cultivada e do número de explorações agropecuárias que concentram nessa atividade a base da formação de sua renda (FRANCISCO et al., 2009). O continuado ciclo de baixas cotações, associado à valorização do real, reduziu acentuadamente a rentabilidade dos cafeicultores menos tecnificados que, sem possibilidades de permanecerem na cultura, migraram para outras atividades.

Fatores adicionais como a competição por áreas agricultáveis estabelecidas por outras culturas, especialmente a cana-de-açúcar, o eucalipto, a seringueira e as pastagens, conduzem a cultura do café para regiões para as quais a cultura mostra-se mais francamente “vacionada” (cerrados da Alta-Mogiana, mantiqueira paulista, espigão de Garça-Marília e polo sudoeste de Piraju/Ourinhos).

A participação de instituições de apoio no funcionamento do sistema econômico é elemento que progressivamente se firma no escopo da teoria econômica. Nesse sentido, não é casual que as regiões consideradas inclinadas para a cafeicultura possuam associações e cooperativas vibrantes que oferecem uma diversidade de ser-

viços técnicos, econômicos e sociais de imensa relevância dentro do mercado em que atuam.

Este estudo procura apreciar as singularidades dos cafeicultores cooperados frente àqueles que não pertencem a alguma cooperativa de produção. Por hipótese, espera-se encontrar entre os cooperados indicadores sócio-econômicos e agrônômicos mais avançados frente aos não cooperados, fenômeno esse que contribui para a sustentação econômica do negócio café mesmo ao longo dos ciclos de queda nas cotações.

Assim, o objetivo geral do presente trabalho é o de descrever e caracterizar o perfil dos cafeicultores paulistas cooperados frente aos não cooperados. Aspectos como o cotejamento do grau de adensamento das respectivas lavouras e relação com elementos de emprego de tecnologia como formação do produtor e seu nível de organização econômica constituem-se nos objetivos específicos do estudo.

2 - METODOLOGIA

A fonte utilizada para obtenção dos dados analisados neste estudo foram os Levantamentos Censitários de Unidades de Produção Agropecuária (Projeto LUPA), realizados pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA) por meio da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e do Instituto de Economia Agrícola (IEA) (PINO et al., 1996; TORRES et al., 2008). A unidade básica de levantamento (UPA) coincide na maioria das vezes com o imóvel rural, entendido como conjunto de propriedades contíguas do mesmo proprietário. Para efeito de estudos econômicos, os dados foram refinados e consideradas apenas áreas superiores a 0,5 ha. Para atingir os principais objetivos elencados, utilizou-se a metodologia quantitativa-descritiva, procurando traçar características dos cafeicultores no Estado de São Paulo.

O conjunto de informações referentes

¹O trabalho é resultado da sistematização de dados obtidos pelo projeto Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agrícola do Estado de São Paulo (Projeto LUPA). Registrado no CCTC, IE-75/2009.

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: celvegro@iea.sp.gov.br).

³Estatística, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: veralfrancisco@iea.sp.gov.br).

⁴Matemático, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: alberto@iea.sp.gov.br).

⁵Administrador, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: nabil@iea.sp.gov.br).

aos cafeicultores foi segmentado em cooperados e não cooperados. O teste de qui-quadrado de independência foi utilizado para verificar se a classificação das UPAs, segundo indicadores sócio-econômicos, de tecnologia e de administração, eram independentes da classificação quanto a essa repartição.

Para a detecção de um padrão entre os produtores cooperados foi utilizada a técnica de escalonamento multidimensional (MDS). Essa técnica estatística multivariada pertence à família de modelos pelos quais um conjunto de dados é representado por pontos num espaço em que as relações geométricas entre estes correspondem, o mais próximo possível, às próprias relações empíricas nesse conjunto, isto é, as relações percebidas entre objetos ou indivíduos são apresentadas como relações geométricas entre pontos em um espaço multidimensional (CARROLL; ARABIE, 1980; COXON, 1982). Neste caso, a ideia básica foi partir da matriz de distância para encontrar uma configuração de pontos que permitisse visualizar características dos cafeicultores em um número menor de dimensões. Para poder mensurar a qualidade do ajuste foi utilizada a medida *stress*, que indica a proporção da variação das distâncias originais em relação às distâncias preditas pelo MDS, sendo que, quanto mais próximo de zero, melhor o ajuste do modelo.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando os macroindicadores confrontados pelo recorte selecionado de cooperado versus não cooperado, observa-se que as cooperativas de produção detêm maior parcela do parque cafeeiro paulista, correspondendo a 58,51% da área cultivada. Essa maior área distribui-se sobre um menor número de unidade de explorações comparativamente aos não cooperados. Aparentemente, as lavouras dos cooperados não apenas são maiores como mais adensadas, apresentando uma densidade de cultivo significativamente maior em relação ao grupo de não associados (Tabela 1).

Em relação ao indicador produtividade das lavouras, os cafeicultores cooperados apresentam resultados estatísticos significativamente superiores aos dos não cooperados. Tal fato pode decorrer da maior densidade de plantas que os dados evidenciam. Somados os fenômenos

(maior área cultivada, maior número de plantas, melhor produtividade e maiores tamanhos do parque cafeeiro), permite-se a ilação de que tais cafeicultores assumem um perfil mais empresarial no sentido de unidades produtivas mais especializadas e agronomicamente mais eficientes.

TABELA 1 - Área Cultivada, Número de Plantas, Produtividade e Número de UPAs, por Participação em Empresa Cooperativa, Lavoura de Café, Estado de São Paulo, 2007/08

Perfil	Área		N. plantas	
	ha	%	1.000 pl	%
Não coop.	87.753,2	41,48	194.510.277	38
Cooperado	123.780,5	58,51	317.332.223	62
Total no Estado	211.533,7	100	511.842.500	100

Perfil	Rendimento	UPAS
	sc/ha	n.
Não coop.	23,8	14.335
Cooperado	27,1	7.407
Total no Estado	-	21.742

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos de Torres et al. (2008).

Quanto à dimensão da área cultivada com café no Estado, a maior parcela é manejada sob estandes considerados tradicionais (83,6 mil ha), guardando semelhanças entre cooperados e não cooperados. Nos estandes de maior densidade populacional de plantas, as lavouras pertencentes aos cafeicultores cooperados apresentam dimensões significativamente maiores que a de seus congêneres não cooperados, representando mais que o dobro quando considerada a área cultivada sob adensamento (Tabela 2).

TABELA 2 - Área Cultivada por Faixas de Densidade de Cultivo, por Participação em Empresa Cooperativa, Lavouras de Café, Estado de São Paulo, 2007/08 (em mil ha com café)

Perfil	Tradicional	Semi-	Adensado
	até 1.700 pl/ha	adensado de 1.700 a 3.000 pl/ha	acima de 3.000 pl/ha
Não cooperado	41,4	26	19,8
Cooperado	42,2	38,1	42,8
Total	83,6	64,1	62,6

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos de Torres et al. (2008).

Dentre as opções tecnológicas disponíveis de custo mais baixo e com sensível impacto sobre a produção, o adensamento é aquela que melhor custo/benefício exhibe. Estandes adensados⁶, mantidos os demais componentes do sistema de produção (adubação, correção de solo e tratamentos fitossanitários), invariavelmente oferecem maiores produtividades por unidade de área com efeitos reducionistas sobre o custo unitário de produção (VEGRO; MARTIN; MORICOCCHI, 2000).

Os recentes dados provenientes do Projeto LUPA indicam que o parque cafeeiro paulista conta com 511 milhões de plantas (FRANCISCO et al., 2009). No levantamento censitário anterior, esse mesmo parque era de apenas 380 milhões de plantas (PINO et al., 1999). Assim, ocorreu incremento de 131 milhões de plantas em apenas dez anos. Adotando-se, conservadoramente, que nesse período cerca de 20% da área dos talhões em produção foi reformada, temos que o parque produtivo da cafeicultura paulista foi praticamente reconstruído nesses dez anos. Plantas mais jovens, derivadas de materiais geneticamente superiores, em maior grau de adensamento, permitem que se preveja um auspicioso horizonte para a cafeicultura paulista, pois estima-se que a maturidade produtiva do cafeeiro seja alcançada entre o nono ao décimo ano, fase essa que perdura pelas próximas cinco ou seis safras consecutivas, quando então a planta inicia uma tendência de diminuição da produtividade, caso medidas como as podas de condução não sejam corretamente empregadas.

Frete ao não cooperado, o perfil sócio-econômico e agrônomo do cafeeiro cooperado exhibe singularidades próprias como já os demonstram os dados acima apreciados. Para os indicadores utilizados, com exceção do uso de escrituração agrícola, rejeitou-se a hipótese de independência entre os dois grupos, isto é, os níveis apresentados nos indicadores dependem da segmentação entre cooperados e não cooperados. A adoção de escrituração agrícola, apesar de não significativa, exhibe diferentes dimensões em termos de área cultivada entre os dois tipos de produtores, pois enquanto 74,6% da área cultivada com café encontra-se sob contabiliza-

ção entre os cooperados, pelos não cooperados apenas 41,2% dela está sob esse regime de gestão. Sem um controle preciso dos custos de produção, é praticamente impossível estabelecer uma estratégia comercial que permita transferir riscos e capturar margens, por meio da aquisição dos chamados derivativos financeiros (contratos mais usuais como a CPR, futuros e opções). A maior prevalência da escrituração entre os cooperados evidencia que esses cafeeiros podem contar com uma condição muito mais favorável de inserção no mercado (Tabela 3).

Há uma presença relevante da assistência técnica oficial para os cafeeiros, na medida em que mais da metade das UPAs informou receber orientações da instituição pública que responde por essa prestação de serviços no Estado de São Paulo. A presença de núcleos de agrônomos a serviço dos cooperados torna mais presente ainda a participação desses técnicos entre esses cafeeiros, alcançando mais de 70% aqueles que recorrem à sua cooperativa na procura de respostas a problemas agrônômicos decorrentes do manejo da cultura.

O perfil mais empresarial dos cafeeiros cooperados possivelmente motiva nessa categoria um maior percentual de participação nos sindicatos. O atual contexto litigante que pauta as relações de trabalho no campo, derivada de uma legislação trabalhista antiga e muito restritiva, faz do concurso aos sindicatos orientação inequívoca aos cafeeiros na busca de soluções aos frequentes conflitos emanados das relações sociais de produção.

O passado inflacionário da economia brasileira, a incipiência do seguro rural e a ausência de linhas mais apropriadas para os cafeeiros familiares ainda fazem do autofinanciamento a principal estratégia na mobilização dos recursos necessários para conduzir a safra. Mesmo entre os cafeeiros cooperados, menos da metade utiliza o crédito rural. O autofinanciamento constitui-se em limitador importante para a expansão dos negócios, sendo necessário um esforço de modelagem de linhas de financiamento mais apropriadas que permitam endividamento sem os elevados riscos de dilapidação patrimonial.

Pouco mais de 12% da área de cafezais foi amparada por apólices de seguro. Porém, entre os cafeeiros cooperados, a cobertura por parte do seguro abarca 18% das lavouras, indicando que nesse perfil de cafeeiros a

⁶Na microrregião aglutinada pela cidade polo de Franca, os estandes adensados possuem em média 4.000 pl/ha, patamar de adensamento limite para lavouras parcialmente ou totalmente mecanizadas.

TABELA 3 - Indicadores Sócio-econômicos Segundo Critérios de Área, Lavoura de Café, Estado de São Paulo, 2007/08

Indicador	Não Cooperado				Cooperado				Qui- quadrado
	UPAs		Área com café		UPAs		Área com café		
	n.	%	ha	%	n.	%	ha	%	
Escrituração agrícola	3.457	24,1	36.173,5	41,2	3.542	47,8	92.306,5	74,6	n.s. ¹
Assistência técnica oficial	8.256	57,6	48.369,2	55,1	4.642	62,7	67.616,1	54,6	1.016,68 ²
Assistência técnica privada	3.291	23	34.412,9	39,2	3.560	48,1	87.414,8	70,6	10,56 ²
Sindicalizado	2.661	18,6	25.075,5	28,6	3.407	46	76.848,2	62,1	91,71 ²
Utiliza crédito rural	2.661	18,6	21.955,1	25	2.763	37,3	60.467,4	48,9	19,67 ²
Utiliza seguro rural	2.443	17	4.681,6	5,3	601	8,1	22.403,7	18,1	47,32 ²
Computador na agropecuária	385	2,7	14.157,9	16,1	1.062	14,3	47.891	38,7	199,67 ²
Acessa internet fins na agropecuária	503	3,5	12.173,9	13,9	947	12,8	39.708,2	32,1	111,4 ²
Realiza análise de solo	5.362	37,4	46.671	53,2	4.165	56,2	92.136,6	74,4	150,39 ²
Emprega fertilização mineral	10.580	73,8	71.474,5	81,4	6.411	86,6	113.857	92	1.022,93 ²
Emprega fertilização orgânica	6.883	48	51.720,5	58,9	4.888	66	97.639,3	78,9	338,12 ²
Emprega fertilização verde	861	6	10.485,7	11,9	965	13	25.227,2	20,4	5,9 ³
Faz M.I.P.	456	3,2	5.884,6	6,7	519	7	21.899,3	17,7	4,1 ⁴

¹N.s.= não significativo.

²Significativo a 0,01%.

³Significativo a 2%.

⁴Significativo a 5%.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos de Torres et al. (2008).

temática encontra maior eco e adesão. Fenômenos recentes, como pesadas chuvas em relevantes cinturões produtores do sul de Minas, evidenciam a relevância do tema, uma vez que os cafeicultores afetados pelo incidente climático estarão privados de renda da cafeicultura pelas próximas duas safras. As apólices de seguro precisam ser popularizadas, tornando-se um alicerce garantidor da eficácia dos contratos firmados (financeiros ou não) e, conseqüentemente, sustentabilidade econômica do negócio empreendido. A timidez das políticas públicas nesse quesito responde pela dificuldade de acesso dos cafeicultores e ainda as poucas seguradoras interessadas em atuar nesse segmento⁷.

Parcela considerável dos cafeicultores cooperados utiliza computador na gestão de suas propriedades. Frente aos não cooperados, o uso de computadores é mais que o dobro entre os cooperados, também apresentando diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Em termos de área cultivada, estes perfazem

dimensão 3,3 vezes maior entre os cooperados quando comparada a área atendida por computadores entre os não cooperados. Entre os cooperados, o acesso à internet já alcança dois terços dos cafeicultores e a metade no outro grupo. Conhecendo o volume de informações e análises que são diariamente produzidas sobre o segmento, a facilidade de acesso a *web* é, sem dúvida, uma vantagem competitiva decisiva.

Alcançando os indicadores de emprego de tecnologia como a realização de análise de solo, a adubação mineral, orgânica e verde e o manejo integrado de pragas, os dados indicam que os cafeicultores cooperados são adotantes mais frequentes dessas tecnologias. A combinação das alternativas disponíveis para incrementar a fertilidade do solo, por exemplo, pode responder em parte pela maior produtividade alcançada pelos cafeicultores cooperados frente aos seus congêneres não cooperados.

Por fim, a prática do manejo integrado de pragas contribui substancialmente na racionalização do emprego de defensivos e na redução de custos unitários de produção, além de representar uma tecnologia ambientalmente mais apropriada. O resultado encontrado de aproximada-

⁷O governo do Estado de São Paulo dispõe de fundo que subsidia em até 50% o prêmio cobrado pelas seguradoras na formalização do contrato de seguro.

mente 30 mil hectares manejados sob esse enfoque, dos quais 22 mil por parte de cafeicultores cooperados, indica que tais produtores crescentemente se preocupam em melhorar as condições agroecológicas nos sistemas produtivos nos quais se inserem as lavouras cultivadas.

Comparativamente ao LUPA de 1995/96 (PINO et al., 1996), deixaram a atividade 12.677 cafeicultores em uma década no Estado (FRANCISCO et al., 2009). Mesmo tendo em conta que duas importantes cooperativas de cafeicultores deixaram de existir nesse período⁸, o maior número daqueles que saíram da atividade foi de não cooperados (57%). Contrariamente, em termos de UPAs, entre aqueles que se decidiram pelo ingresso na cafeicultura nesse mesmo período, a maior parte deles ainda não participa de cooperativas de produção. Mas aqueles que o fizeram dentro do estatuto cooperado exibem uma área média igual ao dobro daquela de seus congêneres não cooperados.

Ainda que a tendência prevalecente dos últimos anos tenha sido a da erradicação de cafezais no Estado e a diminuição de UPAs que se dedicam a atividade, 4.930 outras unidades de produção informaram que foram efetuados novos plantios (expansão somada com a renovação), compreendendo 91,3 mil ha de lavouras implantadas. Desse total, mais de 59 mil ha foram implantados por parte de cafeicultores pertencentes às cooperativas de produção, mais de 65% de todo o novo plantio observado nesse período. Significativo é o indicador de produtividade média das lavouras implantadas, que mostra que a produtividade alcançada pelos cooperados atinge média de 4 sc/ha superior a dos não cooperados (Tabela 4).

Valendo-se dos resultados obtidos pelo emprego de procedimentos estatísticos mais refinados, verifica-se que as observações até aqui delineadas são todas confirmadas. Numa análise de escalonamento multidimensional, por exemplo, ordenaram-se os cafeicultores em duas dimensões, com *stress* de 0,21, significando que é possível distinguir satisfatoriamente uma tipicidade para os cafeicultores cooperados frente aos não cooperados (Figura 1).

A mancha de pontos concentrada na

parte direita do mapa confirma estatisticamente todas as inferências sobre as singularidades dos cafeicultores cooperados. São cafeicultores cuja renda é 80% ou mais formada pela atividade cafeeira, possuem maior produtividade e concentram-se no cinturão cafeeiro chamado de Alta Mogiana. Ademais, são aqueles que exibem evolução positiva na área de cultivo e, em geral, possuem nível superior de formação educacional.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises conduzidas neste estudo comprovam que os cafeicultores cooperados são mais eficientes produtores que seus congêneres não cooperados. Entre os cooperados, constata-se ganhos em termos de profissionalismo e eficiência econômica que tornam ainda mais tenaz sua manutenção econômica e competitiva no território paulista. O LUPA, lamentavelmente, não trouxe quantificação da produção. Mas dados da pesquisa de previsão de safras, realizado sistematicamente pelo IEA e pela CATI, evidenciam incremento progressivo nos volumes colhidos safra a safra no Estado de São Paulo.

Assumindo a trajetória atual como indicativa do porvir, a cafeicultura paulista deve incrementar ainda mais a concentração de sua produção nos cinturões em que é obtida melhor eficiência agrônômica e econômica para esse cultivo. Possivelmente, o padrão de adensamento dos estandes irá avançar ainda mais, liberando área sem prejuízo da produção. Mais surpreendente ainda é que toda essa modernização ocorre em lavouras majoritariamente de sequeiro, sendo a irrigação de cafezais a próxima fronteira tecnológica a ganhar mais consistência no segmento.

O acompanhamento sistemático dos indicadores da cafeicultura é rotina primordial para a elaboração de bons planejamentos. A atualização dos dados estatísticos sobre a cultura permite a produção de análises dinâmicas e políticas públicas oportunas. A recomendação do cultivo do robusta na região central do Estado, onde não há cultivo mais expressivo, a partir do pleno domínio das técnicas de manejo dessa outra espécie, é um exemplo atual desse tipo de possibilidade de exploração de tais resultados.

Os estudos indicaram resultados favoráveis aos cafeicultores cooperados em comparação com os correspondentes não cooperados,

⁸No período considerado, as falências da GARCAFE e da Cooperativa dos Cafeicultores de São Manoel foram os dois mais destacados eventos ocorridos no segmento.

TABELA 4 - Área Cultivada com Café Segundo Organização Social Cooperativa, Cafeicultores com Aumentos do Parque Cafeeiro, Estado de São Paulo, 2007/08

Perfil	Área		Pés		sc/ha (média)	n. UPAs
	ha	%	n.	%		
Não cooperado	31.935,4	34,96	72.140.968	31	24,6	2.905
Cooperado	59.400,4	65,04	160.415.212	69	28,6	2.025
Total	91.335,8	100	232.556.180	100	27,2	4.930

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos de Torres et al. (2008).

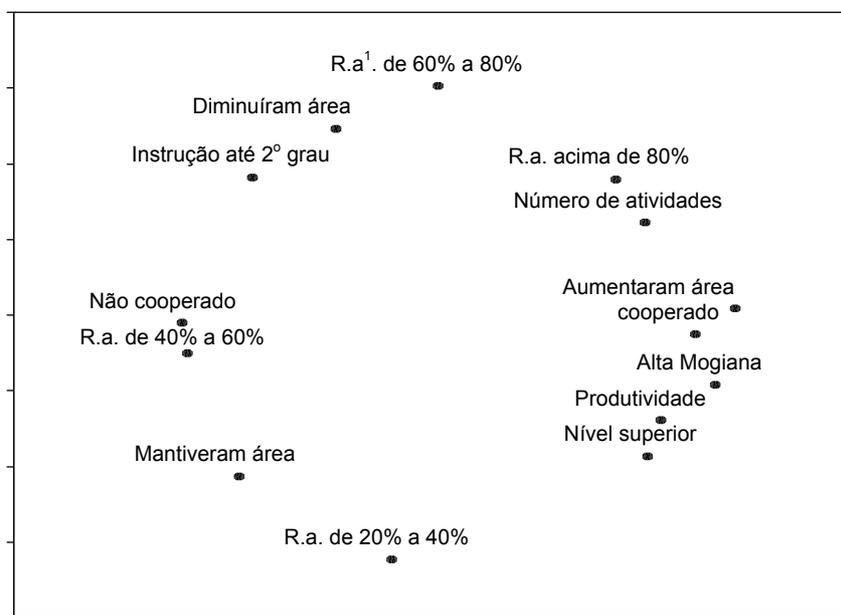


Figura 1 - Mapa Perceptual da Análise de Escalonamento Multidimensional.

¹R.A.= Renda familiar advinda da agropecuária.

Fonte: Elaborada pelos autores.

tanto em produtividade, como em grau de informatização, utilização de tratos culturais e emprego de tecnologias mais adequadas à cultura. Desta forma, o estudo indicou que os cafeiculto-

res cooperados apresentam vantagens comparativas consistentes, com maior adensamento do parque cafeeiro e assistência técnica, fatores que contribuem para a sustentabilidade da atividade.

LITERATURA CITADA

CARROLL, J. D.; ARABIE, P. Multidimensional scaling. **Annual Review of psychology**, 31., 1980. p. 607- 649.

COXON, A. P. M. **The user's guide to multidimensional scaling**. London: Heinemann Educational Books, 1982.

FRANCISCO, V. L. F. dos S. et al. Estrutura produtiva da cafeicultura paulista. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 39, n. 8, p. 42-47, ago. 2009.

PINO, F. A. et al. Cultura do café no Estado de São Paulo, 1995-96. **Revista Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 46, t. 2, p. 107-167, 1999.

PINO, F. A. et al. (Orgs.). **PROJETO LUPA 1995/1996**. Levantamento censitário de unidades de produção agrícola do Estado de São Paulo. São Paulo: IEA; CATI; SAA; 1996.

TORRES, A. J. et al. (Orgs.). **PROJETO LUPA 2007/2008**. Censo agropecuário do Estado de São Paulo. São Paulo: IEA; CATI; SAA; 2008.

VEGRO, C. L. R.; MARTIN, N. B.; MORICCHI, L. Sistemas de produção e competitividade da cafeicultura paulista. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 30, n. 6, p. 7-44, jun. 2000.

SINGULARIDADES DO CAFEICULTOR PAULISTA COOPERADO

RESUMO: O Estado de São Paulo é importante produtor nacional de café arábica e território líder nos negócios envolvendo a commodity (torrefação, consumo e exportação). O presente trabalho procurou identificar singularidades do cafeicultor cooperado frente aos demais produtores não cooperados no Estado de São Paulo. O universo do estudo foi composto pelos cafeicultores paulistas elencados no Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agropecuária (Projeto LUPA), realizado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (SAA), nos períodos de 1995/96 e 2007/08. Com base no levantamento mais recente, os cafeicultores paulistas foram segmentados de acordo com sua organização social cooperativa. Mostrou-se que os cafeicultores cooperados atingem produtividades maiores, apresentam maior tamanho médio do parque cafeeiro com maior parcela em cultivo adensado, têm maior instrução acadêmica, aumentaram sua área cultivada com café no período analisado e possuem maior dependência da renda advinda da agropecuária. De forma geral, os cafeicultores cooperados exibem, portanto, melhores indicadores agrônômicos e sócio-econômicos que seus congêneres não cooperados.

Palavras-chave: cafeicultura, cooperativismo, censo rural, escalonamento multidimensional.

SINGULARITIES OF COOPERATED COFFEE PRODUCERS IN THE STATE OF SAO PAULO, BRAZIL

ABSTRACT: The State of São Paulo is an important national producer of arabica coffee and the leader in businesses involving this commodity (roasting, consumption and exportation). This study sought to identify singularities of cooperated coffee producers against producers that are not cooperated. The universe of study was composed of São Paulo's coffee producers listed in the Survey of Agricultural Production Units Census (LUPA Project), conducted by the São Paulo State Department of Agriculture and Supply, in the 1995-96 and 2007-08 periods. Based on this recent survey, producers were segmented according to their cooperative social organizations. This study showed that cooperated coffee producers achieve higher yields; have greater average size of cultivated coffee fields, with a larger share in density planting; have better academic education; increased their area cultivated with coffee in the period studied; and have a higher dependence on income derived from farming. In general, cooperated coffee producers show, therefore, better agronomic and socioeconomic indicators than their non cooperated peers.

Key-words: coffee cultivation, cooperativism, rural census, multidimensional scaling.

Recebido em 10/08/2009. Liberado para publicação em 11/01/2009.